O PSICANALISTA E A DITADURA DA IMAGEM

Vera Pollo

Ao ser indagado, em 1966, sobre o lugar que a psicanálise poderia ocupar junto aos médicos, Lacan (1966/2011) responde o seguinte: “pois o que está excluído da relação epistemo-somática é justamente aquilo que o corpo, em seu registro purificado, irá propor à medicina [...] o corpo que retorna de longe, isto é, do exílio a que o havia condenado a dicotomia cartesiana do pensamento e da extensão, a qual elimina completamente de sua apreensão tudo o que se refere não ao corpo que ela imagina, mas ao corpo verdadeiro em sua natureza [...] um corpo é algo que é feito para gozar, gozar de si mesmo.” (1966/2011, p. 8). Com sua resposta ousada, Lacan lançava assim a ideia de que a verdadeira natureza do corpo é a de ser um objeto de gozo, um entre outros, porém certamente um objeto privilegiado. Este fato, contudo, teve de aguardar o advento do discurso psicanalítico, não por acaso, veremos adiante, contemporâneo do discurso da ciência.

Na doutrina freudiana, o corpo comparece primeiramente como lugar de um salto ou de uma conversão, esta definida como “salto do psíquico ao somático” (FREUD, 1905). Lembra-nos, então, Coutinho Jorge (2010:117) que Freud escreveu em carta ao discípulo Georg Groddeck, que se interessava pelas questões da psicossomática: “o inconsciente é exatamente o verdadeiro intermediário entre o somático e o psíquico. Talvez seja o *missing link*, o elo perdido, tão procurado.”

Mais alguns anos de trabalho ininterrupto, e Freud pode agora ressaltar a importância da imagem do corpo na constituição do que ele chama *Ich*, isto é, do eu como sujeito e como objeto. Cito Freud (1923/1976: 39-40): “A psicofisiologia examinou a maneira pela qual o próprio corpo de uma pessoa chega à sua posição especial entre outros objetos no mundo da percepção. Também a dor parece

desempenhar um papel no processo, e a maneira pela qual obtemos novo conhecimento de nossos órgãos durante as doenças dolorosas constitui talvez um modelo da maneira pela qual em geral chegamos à ideia de nosso corpo. O eu é, primeiro e acima de tudo, um eu corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície.”

Ora, meu objetivo daqui em diante é mostrar que o psicanalista, Jacques Lacan, chegou antes, ou pelo menos simultaneamente ao sociólogo, Jean Baudrillard, à conclusão de que, na sociedade do consumo, o corpo se consome ou se consuma. E de que, nessa consumação ou gozo, há indubitavelmente uma ditadura da imagem. Curiosamente, o corpo-imagem parece conduzir atualmente os pesquisadores não analistas a duas posições extremas e exatamente contrárias: para alguns, estamos cada vez mais próximos do dia em que daremos um “adeus ao corpo” enquanto matéria biológica, o que representaria, enfim, a realização do voto de Descartes; para outros, “o corpo parece insistir com seu próprio discurso contra os filósofos da linhagem platônica/ cartesiana e insiste contra todos os discursos de normatização provenientes do campo médico, jurídico, artístico etc.” (Villaça, 2009:37)

Quer se esteja a favor ou contra o voto de Descartes – filósofo que negou enfaticamente que ele fosse um corpo e foi o primeiro a salientar que a imagem do corpo nos conduz inevitavelmente aos erros da lógica e aos “prejuízos da infância” (leia-se, entre outros, seu *Discurso sobre o método* de 1637) – pouco importa, o fato é que, num caso como no outro, a referência histórica é a mesma. Num caso, como no outro, omite-se ou foraclui-se a contribuição do discurso analítico.

A primeira posição pode ser lida no livro *O homem-máquina, a ciência manipula o corpo* [Novaes, A. (org.), Ed. Companhia das Letras, 2003]. Nele, professores universitários e pesquisadores em genética, além de filósofos, antropólogos

e ainda outros, discutem os processos da clonagem de embriões e levantam a hipótese de um *scanner* ideal que, “numa fração de segundos, transporia todos os dados intelectuais e afetivos do indivíduo a uma nova morada, mais apropriada que o antigo corpo” (:127). A segunda posição é encontrada no livro *Corpo: identidade, memórias e subjetividades*, organizado por Velloso, Rouchou & Oliveira e publicado em 2009, contendo os trabalhos de eminentes historiadores e pesquisadores da Fundação Casa de Rui Barbosa no Rio de Janeiro. Estes ressaltam o lugar paradoxal do corpo no mundo contemporâneo, em decorrência da mudança nas percepções sobre os sentidos, a beleza, a sexualidade, o envelhecimento, a doença, a vida e a morte. Nele se pode ler que a contínua transformação e fragmentação presentes em todas as dimensões da vida contemporânea problematizam a ideia de um corpo puro e fazem dele um lugar de resistência e afirmação/construção de identidade (2009:9).

Destaco, nessa coletânea, o trabalho de Villaça (:35), doutora em Teoria Literária, a qual propugna pela necessidade de desfazermos os pares tradicionais – natureza/cultura, mudança/imutabilidade, real/virtual – e ressalta a diferença entre o projeto moderno, em que o corpo era uma exterioridade a ser controlada, e o contemporâneo no qual o corpo emerge como carne e imagem, matéria e espírito simultaneamente. Em que pese a seriedade do trabalho da autora, tivesse ela atentado mais a fundo para o discurso psicanalítico, perceberia a existência de um pensamento trinário e não binário, uma vez que o corpo, assim como o sujeito que ele porta, são considerados em três moradas ou três dimensões: real, simbólica e imaginária.

Vejamos primeiramente o tripartite em Freud. Que nos ensinou ele acerca do corpo histórico? Resposta: Freud demonstrou o modo como uma contração, um espasmo ou uma dor, reais, poderiam se tornar os significantes de um ou mais significados perdidos, desde que endereçados ao ser amado, em sua consistência de objeto imaginário. Embora

real, o soma é também portador de uma mensagem cifrada no campo do Outro da linguagem. Verifica-se que o desejo é, de fato, um ser a três: há nele o sujeito, o Outro e o objeto-mais-de-gozar.

Com Lacan, distinguiremos entre o corpo, o organismo e a carne. Como declara Soler (1983:46), até *Função e campo da fala e da linguagem*, 1953, “Lacan considera que para fazer um corpo é necessário um organismo vivo mais uma imagem. Dito de outro modo, ele atribui à unidade da imagem o sentimento de unidade do corpo.” Mas Lacan nunca relativizou a função da imagem, ele apenas ressaltou o lugar dos outros registros: do registro do simbólico, ao proferir, em 1970, que somente o simbólico isola o corpo, “a tal ponto que ele não existiria se não pudesse falar”; do registro do real, já que o afeto exige a incorporação da estrutura, pois o afeto “é dito de algum lugar. No que se revela que, quanto ao corpo, é secundário que ele esteja vivo ou morto.” (1970/2003:406). Prova-o a diferença entre o corpo, que vira cadáver, e a carne animal, que vira carniça.

Em 1974, na conferência *A terceira*, Lacan (2002:55) volta a dizer que “ele, o corpo, se introduz na economia do gozo pela imagem do corpo. A relação do homem, do que se chama por esse nome, com seu corpo, se há algo que sublinha bem que ela é imaginária, é o alcance que aí toma a imagem [...] ele não pode ver um só de seus semelhantes sem pensar que esse semelhante toma seu lugar, logo, naturalmente, que ele o vomita.

Vale então lembrar, antes de seguirmos adiante, que a ditadura da imagem é a ditadura da imagem do corpo ou, mais precisamente, a ditadura do gozo, mais ou menos nocivo, com a imagem do corpo. Quando, em 1970, Jean Baudrillard publicava uma obra intitulada “A sociedade de consumo”, a qual iria se tornar a principal referência da

contracultura, sua visada era demonstrar que os vínculos sociais nas sociedades ocidentais contemporâneas estavam se estruturando por meio de um elemento relativamente novo: o consumo de massa. E, em consequência da substituição da moral pelo consumo, o corpo se tornara um objeto, tornara-se, inclusive, o mais belo objeto de consumo.”

Em suas palavras, “após uma era milenária de puritanismo”, a “redescoberta” do corpo sob a forma de “o culto higiênico, dietético e terapêutico com que se rodeia, a obsessão pela juventude, elegância, virilidade/feminilidade, cuidados, regimes, práticas sacrificiais que com ele se conectam, o Mito do prazer que o circunda – tudo hoje testemunha que o corpo se tornou *objeto de salvação*. Substitui literalmente a alma, nesta função moral e ideológica.” (Baudrillard, 1970/2008:168)

O sujeito é, então, induzido a uma dupla prática do seu próprio corpo: deve tratá-lo como capital e como fetiche. Em ambos os casos, ele deve investir no corpo, no duplo sentido do termo investimento, tanto no sentido econômico, quanto em sua acepção psíquica. De modo que ele se torna uma espécie de duplo ameaçador. Deve ser o objeto mais liso e reluzente, na lógica fetichista; deve produzir lucro, na lógica capitalista. Estabelece-se uma equivalência mágica entre comprar e sentir-se bem na própria pele, pois é ela que envolve o corpo, não mais a alma. Por isso, ele prossegue ele: “se a sociedade de consumo já não produz mitos é porque *ela constitui o seu próprio mito*. Em vez do Diabo que trazia o Ouro e a Riqueza (pelo preço da alma) surgiu a Abundância pura e simples.” (:264)

Apesar da divergência entre não analistas, acima mencionada nos termos de “a favor ou contra o voto de Descartes”, percebem-se também respostas convergentes advindas de diferentes campos de saber: psicanalistas, antropólogos e historiadores são unânimes em afirmar que a queda das grandes transcendências políticas e religiosas na

segunda metade do século XX seria a principal responsável pelo fato de que só nos resta o corpo para dar algum sentido à existência. Inúmeros são os que procuram interpretar o crescimento acelerado dos assim chamados “fenômenos de corpo”: os distúrbios alimentares, a anorexia e a bulimia, em primeiro lugar, mas também as tatuagens, os *piercings*, a *body art*, os implantes, e ainda, o transexualismo e a vasta gama das cirurgias estéticas.

No campo da psicanálise, Paola Mieli (2002:15) comenta que, embora as manipulações voluntárias irreversíveis do corpo sejam realizadas sob a alegação de “questões de estética”, a visada do sujeito que a elas se submete é sempre “corrigir” um traço físico particular que é vivido sob o signo do “em excesso” ou, ao contrário, do “em falta”, a falta que consiste imaginariamente no “excessivamente pouco.” Pois o que está em jogo na clínica psicanalítica nunca é o corpo como um todo, mas como um objeto parcial, uma parte do corpo que “insiste no sentido de embaraçar [...] Um embaraço que é ao mesmo tempo incômodo e impedimento dos movimentos; um estorvo, fonte de mal-estar e de perturbação.” Por isso, cabe ao psicanalista interrogar as razões estruturais daquilo que, no nível subjetivo, apresenta-se como “necessário”.

Já Castanet (2010: 70), embora parta de uma observação semelhante - a de que, hoje como nunca, a ciência permite refazer o corpo -, acaba arriscando uma interpretação mais generalizada, que sugere uma mudança no confronto do sujeito com a Lei e, conseqüentemente, uma distinção entre a neurose clássica e a contemporânea. Na neurose clássica, declara ele, o sujeito ou se confrontava com o pai excessivamente potente, na neurose obsessiva, ou se confrontava como pai impotente, na neurose histórica; em contrapartida, se qualquer sujeito pode hoje refazer o corpo, é porque ele se sente “autorizado a escolher onde outrora o corpo lhe impunha seu limite.”

De minha experiência, salientarei por hora apenas o seguinte: o sujeito está cansado. Afirmo-o propositadamente no singular, para referir-me a uma fala cuja frequência em nossos consultórios de analistas me faz pensar em um sinal dos tempos, um traço da contemporaneidade, um significante-mestre. Saliento que o empuxo à exibição do corpo é muitas vezes o testemunho de um gozo cujo sofrimento não deve aparecer, como no caso das *top models* ou dos que praticam “esportes radicais”, os atletas de alta performance, cujos corpos são tratados cientificamente. E concluo retomando a pergunta de Castanet: “O que estará sucedendo aos sujeitos contemporâneos levados a inscrever sobre a pele uma marca substituta?”

BIBLIOGRAFIA

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Edições 70, LDA. Outubro de 2008. Éditions DeNoël, 1970.

CASTANED, Didier. Os corpos contemporâneos In: **Stylus**. Revista de Psicanálise, n.20, abril de 2010, p.53-75.

COUTINHO JORGE, Marco Antonio. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**, vol. 2: a clínica da fantasia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FREUD, Sigmund. Fragmento da análise de um caso de histeria (1905[1901]) in: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 7. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

_____. O eu e o isso (1923) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 19. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

LACAN, Jacques. La place de la Psychanalyse dans la Médecine (1966) In: **Conférence et débat du Collège de Médecine à La Salpêtrière : Cahiers du Collège de Médecine**, 1966, p. 761 à 774. Acesso em : 16 abril 2011

_____. Radiofonia (1970) In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. A Terceira (1974) In: **Cadernos Lacan**, v. 2. Publicação não comercial. Circulação interna da Associação Psicanalítica de Porto Alegre.

MIELI, Paola. **Sobre as manipulações irreversíveis do corpo e outros textos psicanalíticos.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Corpo Freudiano do Rio de Janeiro: 2002.

NOVAES, Adauto (org) **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

POLLO, Vera. Exílio e retorno do corpo: Descartes e a psicanálise In: ALBERTI; CARNEIRO RIBEIRO (orgs.) **Retorno do exílio: o corpo entre a psicanálise e a ciência.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2004.

SOLER, Colette. **Le corps dans l'enseignement de Lacan.** Quarto n.16, *Révue de l'Association Cause Freudienne de Belgique*, 1983.

VILLAÇA, Nízia. Os imagineiros do contemporâneo: representações e simulações In: VELLOSO, R.; OLIVEIRA (orgs.) **Corpo: identidades, memórias e subjetividades.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

SOBRE A AUTORA

Vera Pollo. Psicanalista. Doutora em Psicologia pela PUC-RJ. D.E.A. pela Universidade de Paris VII. AME [analista membro] da Internacional dos Fóruns e da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Coordenadora do Colegiado de Formações Clínicas do Campo Lacaniano-RJ. Professora Adjunta do Mestrado em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida e da Especialização em Psicologia Clínica da PUC-RJ. Psicóloga do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente do Hospital Universitário Pedro Ernesto, UERJ. Organizadora de “Comunidade analítica de escola: a opção de Lacan” (Marca d'Água Livraria e Editora, 1999) e autora de “Mulheres histéricas” (Contra Capa Livraria, 2003).